

# **O ENSINO DA LINGUAGEM ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA ANÁLISE SOBRE A REESCRITA DE CONTOS**

**Janayna Santos**

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Email: janaynasantos06@gmail.com

**Valéria Cavalcante**

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Email: vccavalcante1@hotmail.com

**Jailton Lira**

Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Email: jailton\_souzal@hotmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem como foco discutir a reescrita no ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que esta pode ser considerada como uma importante estratégia didática para o ensino da escrita. Como base teórica utilizamos Dolz e Schenewly (2010), Fiad (2013), Gusso e Dalla-Dona (2014), dentre outros. Partimos da hipótese de que a reescritura de textos, favorece a reflexão metatextual daquele que escreve, já que, além de solucionar problemas de ordem gramatical e/ou ortográfico, serve para mostrar ao escrevente, por exemplo, que certas informações do texto precisariam ser mais detalhadas para a obtenção dos efeitos de sentido pretendidos; para reordenar os argumentos textuais que contribuem para a sequência da história fluir com maior clareza e coerência; que certas informações, por não estarem contribuindo com o desenrolar da trama, devem ser apagadas ou substituídas. Essas estratégias de reflexão sobre o texto escrito pode ser observado nas reescritas de uma aluna do 1º ano do Ensino Fundamental. Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo sendo caracterizada como Relato de Experiência. Após as análises das reescritas, chegamos à conclusão de que essa ferramenta didática-pedagógica pode contribuir para a interação dialógica entre escrevente e texto escrito além de fornecer subsídios para o processo de letramento na sala de aula.

**Palavras-chave:** Reescrita. Ensino de Língua Portuguesa. Letramento escolar.

## **1. Introdução**

Ensinar a escrever textos coerentes e coesos é um desafio. Principalmente nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesse processo, o professor carrega muitas questões, por exemplo: como ensinar a produção textual em sala de aula? Quais são as estratégias que devem ser utilizadas? É necessário selecionar algum gênero específico para realizar essa tarefa? Como a produção de texto interfere no processo de letramento do aluno?

Esse trabalho, pretendendo contribuir para a elucidação desses questionamentos, traz em seu bojo reflexões sobre uma atividade de escrita bem específica: a reescrita de contos. Para isso, acionaremos duas fontes de estudo. Primeiramente, o que os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa<sup>1</sup> (PCNLP) indicam sobre essa estratégia didática, já que são os documentos oficiais do ensino língua portuguesa que indica o currículo a ser valorizado nas séries iniciais. E o construto teórico de Menegolo (2005), Fiad (2013), Gusso e Dalla-Dona (2014).

Caracterizada como um Relato de Experiência, essa pesquisa traz como *corpus* a reescrita de três histórias inventadas por uma aluna do 1º ano do Ensino Fundamental. A partir disso, discutiremos como ela pode ser utilizada em sala de aula, apontando seus alcances e limites. Além disso, buscamos mostrar como a reescrita favorece o processo de letramento de alunos recém-alfabetizados<sup>2</sup>.

## 2. A reescrita como estratégia didática

O que é uma atividade de reescrita? Como ela pode ser trabalhada em sala de aula? Quais são as estratégias didáticas necessárias para seu uso efetivo?

A escrita, por ser uma atividade complexa, demanda inúmeros conhecimentos do escrevente: linguístico, textual, semântico... De acordo com Dolz, Gagnon e Decânio (2010)

A escrita mobiliza componentes cognitivos. É por isso que ela pode ser considerada como uma atividade mental. Para escrever, o aprendiz precisa de conhecimentos sobre os conteúdos temáticos a abordar, mas também de conhecimentos sobre a língua e sobre as convenções sociais que caracterizam o uso dos textos a serem redigidos. (DOLZ; GAGNON; DECÂNIO, 2010, p.15).

---

<sup>1</sup> A versão utilizada aqui refere-se àquela direcionada para os 1º e 2º ciclos, que correspondem às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Atualmente, do 1º ao 5º ano.

<sup>2</sup> Consideramos como alunos recém-alfabetizados aqueles que acabaram de passar pelo processo de alfabetização e estão iniciando a escrita de seus primeiros textos. São os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Diante desse contexto, Figueiredo (1994, p. 159) coloca que: “escrever não é um dom, nem um privilégio inato de gênios, mas um trabalho aturado e orgânico”. Ou seja, é um trabalho que precisa ser ensinado. Tendo em vista que “o trabalho com a linguagem acontece em todas as situações do comportamento verbal, seja em situações de produção oral ou em situações de produção escrita”. (FIAD, 2013, p. 465).

O ensino da escrita não é uma simples adaptação de teorias aplicadas diretamente à escola, pois diante da necessidade de aprender, há uma série de dificuldades que vem associada a sentimentos capazes de mais significativa para o aluno.

## **2.1 A reescrita a partir do PCNLP**

A escrita é muito mais que uma simples aquisição de técnicas, por isso para que haja uma aprendizagem concreta, faz-se necessário que situações reais de escrita sejam vivenciadas pelas crianças. Elas precisam, portanto, serem estimuladas a participarem de situações nas quais sejam convidadas a escrever, desde um simples recado, como também a reescrever contos conhecidos.

Assim, o professor pode indicar algumas possibilidades do trabalho de reescrita em sala de aula, como mudar o final da história, inserir outros personagens, mudar a pessoa do narrador, mudar o cenário, enfim, o professor pode utilizar intensamente essa estratégia.

Como o aluno pouco experiente com essa atividade apresenta muitas dificuldades para escrever um texto com qualidade, os PCNLP, indicam que o professor pode utilizar algumas estratégias para auxiliar seus alunos na execução dessa tarefa, pois:

A constatação das dificuldades inerentes ao ato de escrever textos — dificuldades decorrentes da exigência de coordenar muitos aspectos ao mesmo tempo — requer a apresentação de propostas para os alunos iniciantes que, de certa forma, possam “eliminar” algumas delas, para que se concentrem em outras. É importante que essas situações sejam planejadas de tal forma que os alunos apenas se preocupem com as variáveis que o professor priorizou por se relacionarem com o desenvolvimento do conteúdo em questão. (BRASIL, 1997, p. 52).

E citam como exemplo a reescrita ou paráfrase de bons textos já repertoriados mediante a leitura. Os PCNLP, ao apontar “algumas situações didáticas fundamentais para a prática de produção de textos” (BRASIL, 1997, p. 45) destacam que a reescrita pode ser utilizada como uma “produção de apoio”.

Acreditamos que essa atividade de reescrita pode ser entendida também como um acontecimento num determinado processo interativo na medida em que provoca um

diálogo do sujeito–escrevente com o seu produto-criado. Nesse sentido, “[...] as interações em torno dos textos, que podem provocar ou não a reescrita ou outras réplicas por parte dos escreventes, fazem parte do ato de escrever e podem ser analisadas conjuntamente com os textos centrais nesse processo.” (FIAD, 2013, p. 477).

Assim, como aponta o PCNLP, ao reescrever, o aluno sai do estágio emocional (inspirativo) que gera a primeira escrita e passa ao estágio de maior racionalização sobre o que foi materializado, ou seja, o ato da reescritura permite que o aluno se depare com suas possíveis dificuldades e, conseqüentemente, passe a entendê-las e a superá-las.

Entende-se, portanto, que a partir da atividade de reescrita, o professor pode fornecer ao aluno marcas encontradas no seu texto que o possibilita a se deparar com suas possíveis dificuldades de competência linguística, dando-o assim condições possíveis de melhorar o domínio da modalidade escrita.

## **2.2 A reescrita de textos literários como uma prática pedagógica**

A leitura é considerada um elemento essencial para a escrita de textos. Ela oferece um modelo, amplia referências, para uma atividade reflexiva. De acordo com Radino (2001), a leitura recebe uma grande importância social, pois o seu desenvolvimento implica diretamente a formação do ser humano e do cidadão. Deve-se, portanto, ter em mente que a leitura não é necessariamente a fala da escrita, mas um processo próprio que pressupõe um amadurecimento de habilidades linguísticas em parte diferentes das que ocorrem na produção da fala espontânea. Contudo, é apenas escrevendo e reescrevendo que o aluno adquire conhecimento suficiente para se tornar um escrevente proficiente.

Gusso e Dalla-Dona (2014) defendem que a escrita literária se organiza na intertextualidade, ou seja, nas relações que estabelece com outros ditos, com outros textos. Assim, é necessário que o aluno leia para escrever textos com qualidade.

Muito mais do que solucionar problemas de ordem gramatical ou ortográfico, a reescrita de um texto ficcional serve para mostrar ao aluno autor, por exemplo, que certas informações do texto precisariam ser mais detalhadas, complementadas, para a obtenção dos efeitos de sentido pretendidos que uma reordenação dos argumentos textuais contribui para a sequência da história fluir com maior clareza e coerência; que certas informações, por não estarem contribuindo com o desenrolar da trama, devem ser suprimidas; que certos

segmentos precisam ser substituídos para a concretização do projeto de dizer que determinadas escolhas lexicais serão mais fecundas para efeitos polissêmicos.

Nesse sentido, fica evidenciado a importância de o professor redimensionar seu papel para aquele que estabelece permanentemente o diálogo com os alunos e estimula as parcerias entre eles, para que, em conjunto, aprendam a driblar a sinuosidade do texto literário, busque construir sentidos para o que leem e desenvolvam a capacidade de produzir textos com teor literário.

A reescrita como procedimento pelo qual o professor e os colegas de turma auxiliam o aluno- autor a pensar sobre por que escreveu determinado conteúdo e o faz daquela maneira tende a motivar o aluno-autor a retomar seu texto com o propósito de resolver os problemas identificados no momento da revisão.

Gusso e Dalla-Dona (2014) ressalta a importância de o aluno perceber que uma escrita bem feita exige reescrita e que escrever consiste em trabalhar e retrabalhar o texto fazendo balanços e tentativas, realizando escolhas relevantes incorporadas as mais expressivas, até que o produto obtido o satisfaça.

### **3. Metodologia**

Este estudo, além de ser uma pesquisa bibliográfica, ela é, a partir da concepção de Godoy (1995), caracterizada como uma pesquisa qualitativa, na medida em que, ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes. Assim,

segundo essa perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 21).

Nossa “ida ao campo” aconteceu para coletar três reescritas de uma aluna do 1º ano do ensino fundamental de uma escola do município de Olho D’Água das Flores/AL.

Essa pesquisa se caracteriza como Relato de Experiência, ou seja, traz dados empíricos e uma análise subjacente.

Coletado em contexto não-escolar, a mãe da criança lhe entregou um caderno e pediu para que ela escrevesse três contos de fadas que já conhecia. Antes da criança escrever, a mãe leu para ela os seguintes contos: Branca de Neve, a Bela e Fera, A princesa e o Sapo, Bela Adormecida, Cinderela, entre outros. No entanto, só foi registrado a reescrita de três desses. Vejamos no quadro abaixo as leituras e reescrituras de L:

Quadro 1 – Descrição da coleta das reescritas<sup>3</sup>

Numero da reescrita	Data	Conto lido	Data	Conto reescrito
REES 01	06/10/2014	Bramca de Neve	07/10/2014	Bramca de Neve
REES 02	12/10/2014	A Bela e a Fera	13/10/2014	A Bela e a Fera
REES 03	18/10/2014	A Princesa e o Sapo	19/10/2014	A Princesa e o Sapo

Observamos, inicialmente, que L, reescrevia seus textos num espaço de tempo muito curto do momento da leitura e verificamos que ela manteve o mesmo título da história-fonte.

Por meio da reescrita desses contos, problematizamos alguns aspectos presentes no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita desta criança. A análise realizada nessa trajetória poderá mostrar uma prática educativa que consiste na importância do apoio da produção de texto a partir da reescrita para ajudar no desafio do processo de aprendizagem da criança nas séries iniciais.

#### 4. A reescrita de uma menina

Diferentes aspectos podem ser abordados na análise dessas reescritas. No entanto, o foco recairá sobre a questão ortográfica. Assim, após uma breve descrição do contexto, faremos alguns comentários.

A primeira história contada para L, conforme o quadro 1 mostra, foi *Branca de Neve*. A mãe leu para a criança antes dela dormir e foi reescrita no dia seguinte, à tarde, na casa de um tio. Vejamos:

<sup>3</sup> A sigla REES significa reescrita e a letra “L” indica o nome da criança, uma menina de seis anos de idade.

**REES 01****Branca de Neve**

Branca de neve era linda uma princesa ela tinha cabelos negos e a peli branca como a neve ela morava com uma madrasta munito ma a rainha tinha um espelho magico e todo dia a madasta pergutava ao espelho espelho meu existe alge mais bela do que eu o espelho respondia não minha rainha você é muito a mais bela de todo o reino mais um dia a rainha pergutou quem era a mais bela e o espelho disse você e muito bonita mais a mais bela e branca de neve a rainha ficou com muita raiva ai mandou o casador leva a braca de neve para a floresta e matar ela o cacador ficou com pena dela e mandou ela fugir ela correu e com trou uma casa quiera tudo piqueno ela tava muito cansada não viu nigenhe a casa era dos sete anoes branca dde neve ficou morando na casa dos sete anois a rainha descobriu que ela estava viva e setrasformou numa velhinha e levou uma maçã invenenada quando a pincesa mordeu caiu dismaiada us sanonhes pensaram que ela tinha morrido e botaram ela em um caichão de vidro e levaram para o meio da floresta um principi ia passado viu a viu a princesa e seapaixonou ai então eli levatou a tapa do caichão e deu um beijo nela u e a princesa levantou de pois elis secasaram e viveram para sempre.

L, ainda não consegue fazer distinções de regras básicas correspondentes a letra e ao som de algumas palavras, o que é consideravelmente normal na sua idade. Por exemplo: foi escrito “peli”, ao invés de “pele”; “munito”, para dizer “muito”; “alge” querendo dizer “alguém”; “nigenhe” para dizer “ninguém” etc.

No entanto, observamos que foram escritas corretamente palavras consideradas difíceis para a sua idade, como por exemplo, “cansada”, “velhinha”, “floresta”, “espelho”, e o mais interessante é que praticamente no mesmo instante a palavra “madrasta” foi escrita duas vezes, uma vez “madrasta” e a outra “madasta” o que explica que a criança está em processo de aquisição da base ortográfica da língua.

A segunda história, *A Bela e a Fera*, foi contada após um almoço em família num restaurante conhecido da L. O local foi escolhido por ser atrativo para crianças, pois há um parque de diversão. Enquanto ela brincava em um balanço, a mãe contava a história para ela e outras quatro crianças. A história foi reescrita no dia seguinte na casa da menina depois do almoço.

## REES 02

### A bela e a fera

O pai da bela queria pega uma flor para a bela em um jardim em cantado a bela era muinto linda puriso o pai dela queria da uma flor para ela mais quodon ele tava pegado a flor a pareseu uma fera e ficou muito brava não fique brava eu vou trase uma das minha filhas para vose quado ele trose sua filha a fera siapaixonou e a bela tabem siapaixomou elis comia jutos briacavam um dia eles sibejaran e viveran felises elises para senpre. despois depois qui a bela beu um beijanafera

Nesta história, percebemos que os erros estavam relacionados às sílabas, a pronúncia das palavras, e ao esquecimento de letras. A criança acabou escrevendo palavras juntas como por exemplo, “siapaixonou”, querendo dizer “se apaixonou”, “beijanafera” para dizer “beijo na fera” “apareseu” para dizer “apareceu”, neste caso, compreendemos que os erros estavam ligados a transcrição da fala, ou seja, ela pronunciava as palavras e as reescrevia.

A terceira e última história, *A Princesa e o Sapo*, foi lida para a menina após chegar de uma sorveteria com os avós e foi reescrita, também no dia seguinte, após o lanche da tarde, da seguinte forma

## REES 03

### A princesa e o sapo

Era uma veiz uma linda princesa que estava jo gado bola perto do lago senquere ela derrubou a bola no lago e um sapo a parese a e ela dise eu quero a bola o sapo dise eu dou a bola en troca de um beiju a e a princesa disse eu aseito o sapo deu a bola ela correu para o castelo o pai dela dese de um beijo no sapo ela deu e ele virou umano o príncipe is plicou tudo e eles vive rão feli sespara senpre.

Os erros de escrita desta história não foi diferente do que já vimos na escrita das histórias anteriores: houve problemas de segmentação na palavra “derrubou” sendo escrita “derru bou”; “viveram”, que foi escrita “vive rão”, esses erros “podem refletir diferentes processos e aspectos da relação entre língua falada e língua escrita”. (CARRAHER, 1985, p. 276).

Os erros observados a partir da reescrita dessas três histórias foram organizados no quadro 2:



Quadro 2 – Erros observados na análise das reescritas

ANÁLISE DE ERROS ORTOGRÁFICOS			
Histórias reescritas	Branca de neve	A bela e a fera	A princesa e o sapo
Transcrição da fala	Nigenhe	Muito	Veiz
Trocas de letras	Pele/peli	Quadon	Beiju
Junção e/ou separação	Secasaram	Em cantado	Derrubou/derrubou
Omissões	pergutava	Tabem	Umano
Auto correção	Madasta/madrasta	Despois/depois	Dise/disse

Esses dados mostram que situações de trocas de letras, omissões, transcrição da fala, junção e/ou separação e até mesmo auto correção é muito comum nesta fase. É objeto de ensino dessa série e espera-se que esses erros diminuam no decorrer da passagem da primeira para a segunda série e, assim, consecutivamente. Para tanto, coloca-se que:

Deve-se considerar que a apropriação do sistema de escrita é um processo evolutivo no qual o aprendiz elabora hipóteses ou ideias a respeito do que é a escrita, as quais revelam diferentes graus de conhecimentos que estão sendo constituídos. Isto significa que não se aprende a escrever de imediato e que “erros” estão implícitos em tal processo (ZORZI, CIASCA, 2009, p. 407).

Desta forma, entende-se que ao passar dos tempos, os erros vão se tornando cada vez mais ocasionais.

Além disso, destacamos que para que o escrevente da reescrita tenha um efetivo aprendizado é necessário que ela não seja apenas uma atividade mecanizada e cansativa, mas que se apresente de forma a acionar reflexões, seja de ordem textual, ortográfica ou semântica.

## 5. Algumas considerações

A realização desse estudo, escrito visando discutir a reescrita de histórias nos primeiros anos das séries iniciais do Ensino Fundamental, constatamos que essa estratégia didática pode potencializar o ensino da escrita na escola.

Observamos também que trabalhar a reescrita através dos contos de fadas pode ser uma proposta desenvolvida no âmbito escolar, já que ela propicia ao aluno a refletir sobre a

sua própria escrita, destacando um ou outro objeto de aprendizagem. Nesse trabalho, o objeto selecionado foi a reflexão ortográfica.

Após as análises das reescritas, chegamos à conclusão de que essa ferramenta didática-pedagógica pode contribuir para a interação dialógica entre escrevente e texto escrito além de fornecer subsídios para o processo de letramento na sala de aula e contextual.

## 6. Referências

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CARREHER, T. N. Exploração sobre o desenvolvimento da competência em ortografia em português. In: **Psicol. Teori. Pesquis.**, Brasília, V. 1, N. 3. P. 269-285 – set/dez, 1985.

DOLZ, J.; SCHENEWLY, B. **Os gêneros orais e escritos na escola/ tradução e organização Roxane Rojo e Glaís Sales**. 2 ed. São Paulo: Mercado de Letras, 2010.

DOLZ, J.; GAGNON, R.; DECÂNDIO, F. **Produção escrita e dificuldades de aprendizagem**. Campinas: Mercados letras, 2010.

FIAD, R. S. Reescrita, Dialogismo E Etnografia. In: **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, SC, v. 13, n3, p. 463-480, set/dez, 2013.

FIGUEIREDO, O. Escrever: da teoria à prática. In. FONSECA, Fernanda Irene (org.). **Pedagogia da escrita: perspectivas**. Porto: 1994, p. 159.

GERALDI, J. W. **Linguagem e Ensino**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

GUSSO, A. M. DALLA-DONA, E. M. A Reescrita do texto literario de alunos dos Anos Iniciais da Escolarização. In: **Educar em revista**, n. 52, p. 69-84, abr/jun. 2014

MENEGOLO, E. D. C.; MENEGOLO, W. L. O significado da reescrita de texto na escola: a(re) construção do sujeito-autor. In: **Ciência & Cognição**, 2005, Vol. 04: 73-79. Mar., 2005.

MONTEIRO, S. M.; BAPTISTA, M. C. **Dimensões da proposta pedagógica para o ensino da Linguagem Escrita em classes de crianças de seis anos**. 1ª edição, Brasília – DF, 2009.

RADINO, G. Oralidade, um estado de escritura. In: **Psicol. estud.**, Maringá, v. 6, n. 2, 2001. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722001000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722001000200010&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 de jan 2015.

ZORZI, J. L. CIASCA, S. M. Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem. In: **Rev. CEFAC**. P. 406-416, jul/set, 2009.